



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA

2-10 DE JUNHO DE 1979

HOMILIA E ACTO DE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA

Santuário Mariano de Jasna Gora

Czestochowa, 4 de Junho de 1979

1. «Virgem Santa que defendes a clara Czestochowa...». Vêm-me ao espírito estas palavras do poeta Michiewicz, que, no princípio da sua obra «Pan Tadeusz», numa invocação à Virgem expressou o que palpitava e ainda palpita no coração de todos os polacos, servindo-se da *linguagem da fé* e da *tradição nacional*. Tradição que remonta a cerca de 600 anos, isto é, aos tempos da beata Rainha Edviges, aos alvares da dinastia Jagelónica. A imagem de Jasna Gora exprime uma tradição, uma linguagem de fé, mais antiga ainda que a nossa história, e reflecte ao mesmo tempo todo o *conteúdo da «Bogurodzica»*, que ontem meditámos em Gniezno, recordando a missão de São Wojciech (Adalberto) e remontando aos primeiros momentos do anúncio do Evangelho em terra polaca.

Aquela que uma vez falara com aquele *canto*, falou depois com esta sua *Imagem*, manifestando por meio dela a sua maternal *presença* na vida da Igreja e da Pátria. A Virgem de Jasna Gora revelou sempre *solicitude* materna por cada alma; por cada família; por *cada homem* que vive nesta terra, trabalha, luta e cai no campo de batalha, é condenado ao extermínio, combate contra si mesmo, vence ou perde; por cada homem que deve deixar o solo pátrio para emigrar, por cada homem...

Os Polacos habituaram-se *a ligar a este local e a este Santuário* as numerosas vicissitudes da sua vida: os vários momentos alegres ou tristes, especialmente os momentos solenes decisivos, os momentos de responsabilidade como a escolha da própria orientação na vida, a escolha da vocação, o nascimento dos seus filhos, os exames finais... e tantos outros momentos.

Habituaram-se a vir com os seus problemas a Jasna Gora para falar deles à Mãe do céu. Aquela

que tem aqui não só a sua Imagem, a sua Efégie – uma das mais conhecidas e veneradas no mundo – *mas que está aqui especialmente presente*. Está presente no mistério de Cristo e da Igreja, como ensina o Concílio. Está presente para todos e para cada um daqueles que peregrinam a caminho d'Ela, mesmo só com a alma e o coração, quando não podem fazê-lo fisicamente. Os Polacos estão habituados a isto. Ao mesmo estão habituados povos afins, nações vizinhas. Cada vez mais, chegam aqui homens de toda a Europa e de mais além.

O Cardeal Primaz , durante a grande novena , exprimia-se sobre o significado do Santuário de Czestochowa para a vida da Igreja com estas palavras: «Que sucedeu em Jasna Gora? Até a este momento não estamos habilitados a dar uma resposta adequada . Sucedeu alguma coisa mais do que se podia imaginar... Jasna Gora revelou-se como laço interno da vida polaca força que toca profundamente o coração e mantém a Nação inteira na humilde mas forte atitude de fidelidade a Deus, à Igreja e à sua Jerarquia. Para nós todos foi grande surpresa ver o poder da Rainha da Polónia manifestar-se tão magnificamente».

Levei, de facto, comigo da Polónia para a Cátedra de São Pedro em Roma, este «santo hábito» do coração, elaborado pela fé de tantas gerações, comprovado pela fé de tantas gerações, comprovado pela experiência cristã de tantos séculos e profundamente radicado na minha alma.

2. Várias vezes aqui veio o Papa *Pio XI*, naturalmente não como Papa, mas como Aquiles Ratti, primeiro Núncio na Polónia depois da reconquista da independência. Quando, depois da morte de Pio XII, foi eleito para a Cátedra de Pedro o Papa *João XXIII*, as primeiras palavras, que o novo Pontífice dirigiu ao Primaz da Polónia depois do Conclave, referiram-se a Jasna Gora. Recordou as visitas que fizera aqui, durante os anos da sua Delegação Apostólica na Bulgária, e pediu sobretudo uma oração incessante à Mãe de Deus, pelas intenções da sua nova missão. O seu *pedido foi satisfeito* todos os dias em Jasna Gora e não só durante o seu pontificado, mas também durante os dos seus Sucessores.

Todos sabemos quanto desejou vir aqui em peregrinação o Papa Paulo VI, tão ligado à Polónia desde o tempo do seu primeiro encargo diplomático na Nunciatura de Varsóvia. O Papa que tanto se esforçou por normalizar a vida da Igreja na Polónia, especialmente quanto à presente ordenação das terras do Ocidente e do Norte. O Papa do nosso Milénio! Precisamente por ocasião do Milénio, queria ele encontrar-se aqui como peregrino, ao lado dos filhos e das filhas da Nação polaca.

Depois de o Senhor chamar a si o Papa Paulo VI, na solenidade da Transfiguração do ano passado, os Cardeais escolheram-lhe sucessor a *26 de Agosto*, dia em que na Polónia, e sobretudo em Jasna Gora, é celebrada a solenidade de Nossa Senhora de Czestochowa. A notícia da eleição do novo Pontífice João Paulo I foi comunicada aos fiéis pelo Bispo de Czestochowa, durante a própria celebração da tarde.

Que hei-de dizer de mim, a quem, depois do Pontificado de apenas 33 dias de João Paulo I, tocou, por imperscrutável decreto da Providência, aceitar a sua herança e a sucessão apostólica na Cátedra de São Pedro, a 16 de Outubro de 1978? *Que hei-de dizer eu*, primeiro Papa não italiano desde há 455 anos? Que hei-de dizer eu, João Paulo II, primeiro *Papa Polaco* na história da Igreja? Dir-vos-ei: naquele 16 de Outubro, em que o calendário litúrgico da Igreja na Polónia recorda Santa Edviges, regressava com o pensamento a 26 de Agosto, ao precedente Conclave e àquela eleição realizada na solenidade de Nossa Senhora de Jasna Gora. Nem precisava dizer, como antes os meus Predecessores, que iria contar com as vossas orações aos pés da Imagem de Jasna Gora. A chamada dum filho da nação polaca à Cátedra de Pedro contém evidente e estreita relação com este lugar santo, com este Santuário de grande esperança: *Totus tuus*, murmurara eu na oração, tantas vezes, diante desta Imagem.

3. E eis que *hoje* estou de novo *com todos vós*, Caríssimos Irmãos e Irmãs: convosco, amadíssimos compatriotas, contigo Cardeal Primaz da Polónia, com todo o Episcopado a que pertenci por mais de vinte anos como Bispo, Arcebispo Metropolitana de Cracóvia e como Cardeal. Tantas vezes viemos aqui, a este santo lugar, com vigilante atenção pastoral, para ouvir bater o coração da Igreja e da Pátria no coração da Mãe. Jasna Gora é, na verdade, não só meta de peregrinação para os Polacos da mãe-pátria e do mundo inteiro, mas é o *santuário da Nação*. É necessário aplicar o ouvido a este lugar santo para perceber *como bate o coração da Nação no coração da Mãe*. Este coração, com efeito, pulsa como sabemos, com todas as chamadas da história, com todas as alternativas da vida nacional: quantas vezes, de facto, não vibrou ele com as lamentações dos sofrimentos históricos da Polónia, mas também com os brados de alegria e de vitória! Pode-se escrever a história da Polónia de diversos modos; especialmente a dos últimos séculos pode ser interpretada de pontos de vista diversos. Todavia, se queremos saber como interpreta esta história o coração dos Polacos, é necessário vir aqui, é necessário aplicar o ouvido a este Santuário, é necessário captar o eco da vida da nação inteira no coração da sua Mãe e Rainha. E se este coração bate com tom de inquietação, se ressoam nele a solicitude e o grito para a conversão e o reforço das consciências, é necessário corresponder a este convite. Nasce ele do amor materno, que a seu modo forma os processos históricos na terra polaca.

Os últimos decénios confirmaram e tornaram mais intensa tal união entre a Nação Polaca e a sua Rainha. Diante da Virgem de Czestochowa foi pronunciada a consagração da Polónia ao Coração Imaculado de Maria, a 8 de Setembro de 1946. Dez anos mais tarde, foram renovados em Jasna Gora os votos do Rei Jan Kazimierz, no 300º aniversário de quando ele, a seguir ao período do «dilúvio» (invasão dos Suecos no século XVIII), proclamou a Mãe de Deus *Rainha do reino polaco*. Naquela data, começou a grande novena de nove anos, em preparação para o Milénio do Baptismo da Polónia. E finalmente, no ano mesmo do Milénio, a 3 de Maio de 1966, aqui, neste local, foi promovido pelo Primaz da Polónia o acto de total servidão à Mãe de Deus, pedindo a liberdade da Igreja na Polónia e no mundo inteiro. Este acto histórico foi pronunciado aqui, diante de Paulo VI ausente de corpo mas presente de espírito, como testemunho daquela fé viva e forte, que esperam e exigem os nossos tempos. O acto fala da «servidão» e esconde em si um

paradoxo semelhante às palavras do Evangelho, segundo as quais é necessário perder a própria vida para a encontrar (Cfr. *Mt.* 10, 39). O amor constitui, de facto, a consumação da liberdade, mas, ao mesmo tempo, «o pertencer» - isto é, o não ser livre - faz parte da sua essência. Mas este «não ser livre» no amor não é entendido como escravidão, mas sim como afirmação de liberdade e como consumação dela. O acto de consagração na escravidão indica portanto singular dependência e confiança sem limites. Neste sentido, a escravidão (a não - liberdade) exprime a plenitude da liberdade, do mesmo modo que o Evangelho fala da necessidade de perder a vida para a encontrar na sua plenitude.

As palavras desse acto, pronunciadas com a linguagem das experiências históricas da Polónia, dos seus sofrimentos e das suas vitórias, têm ressonância exactamente neste momento da vida da Igreja e do mundo, *depois do encerramento do Concílio Vaticano II*, que - segundo julgamos com razão - abriu uma nova era. Iniciou uma época de aprofundado conhecimento do homem, das suas «alegrias e esperanças e também das suas tristezas e angústias», como afirmam as primeiras palavras da Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. A Igreja, consciente da sua alta dignidade e da sua magnífica vocação em Cristo, deseja ir ao encontro do homem. A *Igreja* deseja responder às eternas e sempre actuais interrogações dos corações e da História humana, e por isso realizou durante o Concílio uma obra de *aprofundado* conhecimento de si mesma, da própria natureza, da própria missão, dos próprios encargos. A 3 de Maio de 1966, o Episcopado polaco juntou a esta obra fundamental do Concílio o seu próprio acto de Jasna Gora: a consagração à Mãe de Deus pedindo a liberdade da Igreja no mundo e na Polónia. Foi um grito que partiu do coração e da vontade: grito de todo o ser cristão, da pessoa e da comunidade, em favor do pleno direito de anunciar a mensagem salvífica; grito que deseja tornar-se universalmente eficaz radicando-se na época presente e na futura. *Tudo através de Maria!* Esta é a autêntica interpretação da presença da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja, como proclama o capítulo VIII da Constituição *Lumen Gentium*. Esta interpretação corresponde à tradição dos santos como Bernardo de Claraval, Grignon de Monfort e Maximiliano Kolbe.

4. O Papa *Paulo VI* aceitou este acto de consagração como fruto da celebração do Milénio polaco de Jasna Gora, como o certifica a sua bula, que se encontra junto da Nossa Senhora Negra de Czestochowa. Hoje o seu *indigno Sucessor*, vindo a Jasna Gora, deseja renovar esse acto no dia que se segue ao Pentecostes, exactamente quando em toda a Polónia se celebra a *feira da Mãe da Igreja*. Pela primeira vez festeja o Papa esta solenidade exprimindo juntamente convosco, Veneráveis e Caríssimos Irmãos, o reconhecimento ao seu grande Predecessor que, desde os tempos do Concílio, começou a invocar Maria com o título de Mãe da Igreja.

Este título permite-nos penetrar em todo o mistério de Maria desde o momento da Imaculada Conceição, passando pela Anunciação, a Visitação e o Nascimento de Jesus em Belém, até ao Calvário. Permite-nos a todos nós - como no-lo recorda a leitura de hoje - reencontrarmo-nos *no Cenáculo*, onde os Apóstolos juntamente com Maria, Mãe de Jesus, perseveraram em oração, esperando, a seguir à Ascensão do Senhor, o cumprimento da promessa, isto é a vinda do

Espírito Santo, para que possa nascer a Igreja. No nascimento da Igreja participa de modo especial Aquela a que devemos o nascimento de Cristo. A Igreja, nascida uma vez no cenáculo do Pentecostes, continua a nascer em cada cenáculo de oração. Nasce para se tornar *nostra Mãe espiritual à semelhança da Mãe* do Verbo Eterno. Nasce para revelar as características e a força daquela maternidade - maternidade da Mãe de Deus - graças à qual podemos «ser chamados filhos de Deus e sermo-lo realmente» (1 Jo. 3, 1). De facto, a paternidade santíssima de Deus, na sua economia salvífica, serviu-se da virginal *maternidade* da sua *humilde escrava*, para completar nos filhos do homem a obra do autor divino.

Queridos compatriotas, Veneráveis e amadíssimos Irmãos no Episcopado, Pastores da Igreja na Polónia, Ilustríssimos Hóspedes, e vós, fiéis todos, permiti que na qualidade de Sucessor de São Pedro, hoje aqui presente convosco, confie toda a Igreja à Mãe de Cristo, com a mesma fé viva, com a mesma heróica esperança, com que o fizemos no dia memorável de 3 de Maio do Milénio polaco.

Permiti que eu traga para aqui – como há tempos fiz na Basílica romana de Santa Maria Maior, e depois no México no Santuário de Guadalupe - os mistérios dos corações, as dores e os sofrimentos, e por último as esperanças e as expectativas destes últimos fins do século XX da era cristã.

Permiti que tudo isto *confie* a Maria.

Permiti que Lho *confie* de modo novo e solene.

Sou um homem cheio duma grande confiança.

Aqui aprendi a sê-lo.

Amen.

* * *

ACTO DE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA

«*Grande Mãe do Deus feito Homem, Virgem Santíssima Nossa Senhora de Jasna Gora...*».

Com estas palavras os Bispos polacos se dirigiram a Ti tantas vezes, em Jasna Gora, levando no coração as experiências e as penas, as alegrias e as dores, e sobretudo a fé, a esperança e a caridade dos seus compatriotas.

Seja-me lícito iniciar hoje com estas mesmas palavras *o novo acto de consagração a Nossa Senhora de Jasna Gora*, que nasce da mesma fé, esperança e caridade da tradição do nosso

povo, consagração em que participei tantos anos, e ao mesmo tempo nasce dos novos deveres que devido a Ti ó Maria, me estão confiados a mim, homem indigno e ao mesmo tempo filho Teu adoptivo.

Tanto me diziam sempre as palavras que o Teu Filho Unigénito, Jesus Cristo, Redentor do homem, dirigiu do alto da Cruz indicando João, Apóstolo e Evangelista: a Mulher, eis aí o teu filho» (Jo. 19, 26). Nestas palavras encontrava sempre indicado o lugar para cada homem e para mim mesmo.

Hoje, pelos desígnios imperscrutáveis da Divina Providência, presente aqui em Jasna Gora, na minha Pátria terrena, a Polónia, deseja *confirmar primeiramente* os actos de consagração e de confiança, que nos vários momentos - numerosas vezes e em várias formas - foram pronunciados pelo Cardeal Primaz e pelo Episcopado Polaco . De modo particularíssimo desejo confirmar e renovar o acto de consagração pronunciado em Jasna Gora a *3 de Maio de 1966*, por ocasião do Milénio da Polónia; com este acto os Bispos polacos, dando-se a Ti, Mãe de Deus, «na Tua maternal escravidão de amor» queriam servir a grande causa da *liberdade da Igreja* não só na sua própria Pátria, mas também no mundo inteiro. Alguns anos depois, a 7 de Junho de 1976, eles consagraram a Ti a *humanidade inteira*, todas as nações e todos os povos do mundo contemporâneo, os seus irmãos mais próximos pela fé, pela língua e pela sorte comum na história, estendendo esta consagração até aos mais longínquos limites do amor, como o exige o Teu Coração: Coração de Mãe que abraça a cada um e a todos, em qualquer lugar e sempre.

Desejo hoje, vindo a Jasna Gora como primeiro Papa-peregrino, *renovar este património de confiança*, de consagração e de esperança, que tão entusiasticamente foi aqui acumulado pelos meus Irmãos no Episcopado e pelos meus compatriotas. *E portanto confio-Te, ó Mãe da Igreja todos os problemas desta Igreja, toda a sua missão, todo o seu serviço, quando se está para concluir o segundo milénio da história do cristianismo sobre a terra.*

Esposa do Espírito Santo e Sede da Sabedoria! A Tua intercessão devemos a magnífica visão e programa de renovação da Igreja na nossa época expresso no ensinamento do Concílio Vaticano II. Faz que desta visão e deste programa façamos objecto do nosso proceder, do nosso serviço, do nosso ensinamento, da nossa pastoral e do nosso apostolado, na mesma verdade, simplicidade e fortaleza com que no-los fez conhecer o Espírito Santo no nosso humilde serviço. Faz que a Igreja inteira se regenere, bebendo nesta nova fonte de conhecimento da sua natureza e missão, e não noutras «cisternas» alheias ou envenenadas (Cf. Jer. 8, 14).

Ajuda-nos, no grande esforço que estamos a realizar para *nos encontrarmos de modo cada vez mais completo com os nossos irmãos na fé*, com quem nos unem tantas coisas, embora haja ainda algumas que nos separam. Faz que, por todos os meios de conhecimento, de respeito recíproco, de amor e de colaboração comum nos vários campos, possamos redescobrir pouco a pouco o desígnio divino daquela unidade em que nós devemos entrar e introduzir a todos, para

que o único redil de Cristo reconheça e viva a sua unidade na terra. *o Mãe* da unidade, ensinanos sempre os caminhos que a ela conduzem.

Permite-nos que, no futuro, vamos *ao encontro de todos os homens e de todos os povos*, que por caminhos de *religiões diversas* procuram a Deus e O querem servir. Ajuda-nos a todos a que anunciemos a Cristo e revelemos a força e a sabedoria divina (1 *Cor.* 1, 24) escondida na Sua cruz. Tu, que a primeira de todos, O revelaste em Belém não só aos simples e fiéis pastores, mas também aos sábios de países distantes.

Mãe do Bom Conselho! Indica-nos sempre como devemos servir o homem, a humanidade em cada nação, como conduzi-la pelos caminhos da Salvação. Como proteger a justiça e a paz no mundo, continuamente ameaçado de vários lados. Quão vivamente desejo, por ocasião deste encontro de hoje, confiar-Te todos estes difíceis problemas das sociedades, dos sistemas e dos Estados, problemas que não podem ser resolvidos com o ódio, a guerra e a autodestruição, mas só com a paz, com a justiça e com o respeito dos direitos dos homens e das nações.

Ó *Mãe da Igreja!* Faz que a Igreja goze de liberdade e paz no cumprimento da sua missão salvífica, e que para este fim atinja *nova maturidade* de fé e de unidade interior. Ajuda-nos a vencer as oposições e as dificuldades. Ajuda-nos a descobrir de novo toda a simplicidade e dignidade da vocação cristã. Faz que não falem «*os operários para a vinha do Senhor*». Santifica as famílias. Vela pela alma dos jovens e pelo coração das crianças. Ajuda a vencer as grandes ameaças morais que atingem os ambientes fundamentais da vida e do amor. Obtém para nós a graça de nos renovarmos continuamente por meio de toda a beleza do testemunho dado à Cruz e à Ressurreição do Teu Filho.

Quantos problemas deveria, ó Mãe, ter-Te apresentado neste encontro, catalogando-os um a um. *Confio-os todos a Ti*, porque Tu os conheces melhor que nós e de todos tomas cuidado.

Faço-o no lugar da grande consagração, do qual se abarca não só a Polónia, mas toda a Igreja nas dimensões dos países e dos continentes: toda a Igreja *no Teu Coração maternal*.

A Igreja inteira, de que sou o primeiro servidor, a Ti a ofereço e confio aqui, com imensa confiança, ó Mãe. Amen.